

## UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO DIALETO DE *YORKSHIRE* PRESENTE NA OBRA *WUTHERING HEIGHTS* E DA SUA REPRESENTAÇÃO NA TRADUÇÃO DA MESMA OBRA DE 2011

Greyce Kelly Fabbro<sup>1</sup>; Leila Maria Gumushian Felipini<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Graduanda no curso de Letras – Tradutor da Universidade do Sagrado Coração. Atua nos Grupos de Pesquisa de Ensino de Língua e Literatura e Estudos da Tradução. E-mail: greyce.fabbro@hotmail.com; <sup>2</sup>Doutora em Fonoaudiologia pela Faculdade de Odontologia de Bauru (FOB-USP). Professora na graduação nos cursos Letras – Tradutor e Letras – Português e Inglês da Universidade do Sagrado Coração. E-mail: leilafelipini@yahoo.com.br

### RESUMO

A obra *Wuthering Heights* de Emily Brontë, publicada em 1847, apresenta o dialeto de *Yorkshire* nas falas de algumas personagens. Constata-se, porém, que as variações dialetais presentes na obra original não foram representadas nas traduções para o português do Brasil realizadas ao longo dos anos. O dialeto de *Yorkshire* só foi representado em uma tradução brasileira no ano de 2011, sendo realizada pelo tradutor Guilherme Da Silva Braga e publicada pela editora L&PM Pocket. Desta forma, busca-se, neste trabalho, verificar as variações dialetais presentes em *Wuthering Heights* e compará-las com a representação das mesmas na tradução de 2011. Para isso, foi realizado um estudo bibliográfico acerca do conceito de dialeto literário e as possibilidades e recursos da língua de chegada que podem auxiliar no processo tradutório e está sendo realizada uma análise comparativa entre os dois textos. Espera-se, assim, contribuir para a formação de tradutores conscientes da sua responsabilidade em relação à tradução de uma obra literária que apresente um dialeto, já que é possível perceber uma ausência de representações nesse sentido.

**Palavras-chave:** *Wuthering Heights*. Dialeto de *Yorkshire*. Tradução de variações dialetais.

### INTRODUÇÃO

A obra *Wuthering Heights* (O Morro dos Ventos Uivantes no Brasil), escrita por Emily Brontë, é um dos clássicos da literatura. A autora apresenta sua própria visão de mundo e experiências, até mesmo representando o dialeto de *Yorkshire* falado na região de Yorkshire, Inglaterra. Este dialeto era muito familiar para a autora, já que a mesma conviveu com pessoas que eram falantes do dialeto de *Yorkshire*. Considerando que um dialeto é uma representação da realidade social e cultural de um grupo de falantes (TRUDGILL, 1994), torna-se essencial que a mudança linguística seja destacada em uma tradução.

Durante a leitura, é possível perceber variações dialetais nas falas de personagens, como Joseph, Hareton e Zillah, que tem em comum o fato de não terem aprendido a norma culta da língua inglesa, por conta de sua posição social e econômica na história. A autora foi muito criteriosa nas escolhas dos traços linguísticos, buscando um grau de autenticidade que revelasse não só a condição social das personagens, mas também os aspectos culturais que herdaram de outros povos através da linguagem.

A primeira tradução de *Wuthering Heights* no Brasil foi realizada por Oscar Mendes em 1938 e ao longo dos anos, outras traduções foram publicadas. No entanto, podemos perceber a ausência da representação do dialeto de *Yorkshire* nestas traduções. A tradução de Guilherme Da Silva Braga parece ser a única de que se tem conhecimento de ter representado as variantes dialetais da obra original para o português do Brasil.

Solange Peixe Pinheiro de Carvalho, autora da dissertação “A tradução do socioleto literário: Um estudo de *Wuthering Heights*”, argumenta que foram poucos os escritores do século XIX que apresentaram um dialeto literário em suas histórias, e por essa razão, pode ser que os tradutores brasileiros responsáveis pela tradução de *Wuthering Heights* tenham substituído as variantes dialetais pela norma culta, pois o domínio social de uma língua pode influenciar no modo como a diferença linguística será traduzida.

A falta de representação do dialeto de *Yorkshire* nas traduções realizadas no Brasil revela a necessidade de estudos que abordem acerca da importância da representação no texto de chegada das variantes dialetais presentes no texto de partida, levando em consideração que um dialeto literário retrata a realidade de um grupo de falantes. Tradutores que lidam com a tradução literária podem tirar proveito de trabalhos desta natureza, principalmente ao se depararem com desafios relacionados a um dialeto literário.

Em seu livro “A Tradução de Variantes Dialetais: O Caso Camilleri”, Carvalho (2017), destaca o argumento de Annick Chapdelaine, *Transparence et retraduction des sociolectes dans The Hamlet de Faulkner*, em que ela afirma que as escolhas tradutórias são aplicadas cada vez mais por conta do macro-texto, levando em consideração a identidade das personagens, as relações de poder, o contexto da fala e os planos de significação da obra.

Socioletos, registros e variantes em geral vão obrigar o tradutor a ter uma competência e um entrosamento cultural com as sociedades com as quais a tradução lida, com as duas pontas do processo. Assim sendo, o tradutor tem que investir em competências diversas, de natureza tão linguística quanto cultural, o que não constitui uma novidade. (GUISAN, 2009 apud CARVALHO, 2017, p. 197).

Em seus estudos sobre a língua e sociedade, Labov (1972) afirma que a cultura passa a ser desenvolvida através das interações sociais de falantes e por isso, a língua está em constante mudança e sofre diversas variações. Pessoas que estão habituadas a determinados traços linguísticos se comunicam mais entre si, compartilhando normas e comportamentos diante do uso da linguagem. Assim, falar uma língua é de certa maneira, falar determinado dialeto pertencente a esta língua. Ao contrário do que uma visão antropocêntrica possa sugerir, não existem dialetos “bons” ou “ruins”. Qualquer variação linguística que caracteriza um grupo de falantes dentro de um idioma pode ser entendida como um dialeto.

O ensaio intitulado “A Theory of Literary Dialect” (1950) de Sumner Ives, citado na dissertação de Carvalho (2006), menciona que há uma séria tentativa por parte de escritores do século XIX, em representar uma variante dialetal, preocupando-se com a validade e justiça de suas representações. No caso da obra *Wuthering Heights*, o dialeto de *Yorkshire* não só retrata as relações de poder entre as classes sociais, a condição econômica e o fato de que os falantes deste dialeto não tiveram a oportunidade de aprender a norma culta da língua do país, mas também retrata uma realidade cultural e social diversificada. Desta forma, ao traduzir um dialeto literário, o tradutor deve ter como objetivo uma fuga da norma culta com base em seu conhecimento da língua de chegada, para mostrar uma realidade ao leitor que não pareça fantasiosa.

Este trabalho tem como objetivo principal demonstrar a representação do dialeto de *Yorkshire* presente na obra *Wuthering Heights* na tradução de Guilherme Da Silva Braga, no ano de 2011. Além disso, o trabalho visa estabelecer um paralelo entre o texto de partida e o texto de chegada, baseando-se em estudos que discutam a tradução de variantes dialetais em textos literários e as diversas possibilidades que a própria língua de chegada dispõe para a realização de uma representação dialetal satisfatória.

## METODOLOGIA

Foi realizado um estudo bibliográfico de teorias que abordam questões relacionadas à tradução de dialetos literários e da relação fundamental entre língua e cultura. Após este levantamento, iniciou-se uma análise comparativa entre as falas que apresentam o dialeto de *Yorkshire* e suas respectivas representações na tradução de Guilherme Da Silva Braga do ano de 2011. O público alvo deste estudo é composto por professores, escritores, tradutores e outros profissionais da área literária, além de estudantes, já que é uma obra de grande valor literário.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como o estudo ainda está sendo desenvolvido, trazemos neste resumo alguns resultados que já foi possível observar.

Em sua dissertação “A tradução do socioleto literário: um estudo de *Wuthering Heights*”, Carvalho (2006) destaca a supressão de um fonema no final da palavra e a utilização da acentuação para atribuir expressividade na fala da personagem como recursos linguísticos possíveis para a tradução do dialeto de *Yorkshire*. Em conformidade com esta proposta, dentre os recursos linguísticos utilizados pelo tradutor Guilherme Da Silva Braga, verificamos que o mais recorrente é a apócope (supressão de um fonema no final da palavra), seguido da acentuação, como podemos observar nos excertos abaixo:

Tabela 1

<b>TEXTO DE PARTIDA</b>	<b>TEXTO DE CHEGADA</b>
<i>If yah went tuh spake.</i>	<i>Se quisé falá.</i>

Fonte: Elaborada pela autora.

O uso da aférese (supressão de um fonema ou sílaba no início da palavra) é outro recurso linguístico que verificamos ser recorrente no texto de chegada:

Tabela 2

<b>TEXTO DE PARTIDA</b>	<b>TEXTO DE CHEGADA</b>
<i>“T” maister’s dahn i’ t’fowld.</i>	<i>O patrão tá lá no otero.</i>

Fonte: Elaborada pela autora.

Outro recurso utilizado pelo tradutor similar à proposta de Carvalho (2006) é a aglutinação, sendo indicada por aspas simples:

Tabela 3

<b>TEXTO DE PARTIDA</b>	<b>TEXTO DE CHEGADA</b>
-------------------------	-------------------------

<i>All on ‘em’s goan aght.</i>	<i>Todo mundo se ocupa co’alguma cousa.</i>
--------------------------------	---

Fonte: Elaborada pela autora.

Além disso, o tradutor utilizou em algumas falas analisadas a desnasalação (transformação de um fonema nasal em oral):

Tabela 4

<b>TEXTO DE PARTIDA</b>	<b>TEXTO DE CHEGADA</b>
<i>Sit ye dahn, ill childer!</i>	<i>Sente, crianças.</i>

Fonte: Elaborada pela autora.

A autora da dissertação também destaca que a metafofia (troca de vogais) deve ser feita de forma equilibrada para que a fala da personagem não fique carregada de marcadores linguísticos e cause estranheza ao leitor. No texto de chegada, constatamos que o tradutor utilizou a metafofia apenas nos momentos necessários:

Tabela 5

<b>TEXTO DE PARTIDA</b>	<b>TEXTO DE CHEGADA</b>
<i>Dunnot say I wanted it.</i>	<i>Não diga que fui eu que <b>pidi</b>.</i>

Fonte: Elaborada pela autora.

A mesma situação ocorreu com a utilização do recurso síncope (supressão de um fonema no meio da palavra). Palavras como **senhor** e **senhorita**, que demonstram as relações de poder das personagens, passaram pelo processo de despalatização (transformação de um fonema palatal em nasal ou oral), revelando um grau de similaridade com falantes de área rural, já que a história de *Wuthering Heights* ambienta-se em uma propriedade rural:

Tabela 6

<b>TEXTO DE PARTIDA</b>	<b>TEXTO DE CHEGADA</b>
<i>Whet are ye for?</i>	<i>Que que o <b>sior</b> qué aqui?</i>

Fonte: Elaborada pela autora.

Recursos linguísticos como a transformação do “não” átono em “num” e a mudança do tempo verbal em uma mesma frase poderiam ter sido utilizados em algumas falas do texto de chegada, conforme a proposta de Carvalho (2006). Contudo, levando em consideração que os recursos linguísticos disponíveis na língua de chegada divergem daqueles presentes na língua de partida, o tradutor representou de forma satisfatória o dialeto de *Yorkshire* na tradução, preocupando-se com questões encontradas na teoria sobre tradução de dialetos literários que embasa este estudo.

## CONCLUSÕES

A utilização equilibrada de recursos linguísticos na tradução proporcionou naturalidade e expressividade a fala das personagens, revelando as características de cada falante do dialeto de *Yorkshire*. Constatamos que a tradução apresenta variações linguísticas da língua portuguesa do Brasil, que demonstram uma realidade linguística abrangente e não específica de uma região.

Seguindo o contexto apresentado na fundamentação teórica, conclui-se que a tradução do ano de 2011 representa o dialeto de Yorkshire a partir da perspectiva pessoal do tradutor em relação à norma culta do Brasil e de como a diferença linguística poderia ser destacada no texto de chegada de uma maneira adequada, sem omitir toda a questão social e cultural por trás do dialeto de *Yorkshire*. O tradutor utilizou vários recursos linguísticos disponíveis na língua de chegada, como a apócope, aférese, aglutinação, desnasalação, metafonía, síncope e despalatização, e criou uma representação do “outro”, mostrando ao leitor a existência de um grupo de falantes que se comunicam de uma forma diferente.

## REFERÊNCIAS

BRONTË, Emily. **O Morro dos Ventos Uivantes**. Trad. de Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2011.

BRONTË, Emily. **Wuthering Heights**. Text edited by Ian Jack with an Introduction and additional Notes by Helen Small. New York: Oxford University Press, 2009.

CARVALHO, Solange P. P. **A Tradução de Variantes Dialetais: O Caso Camilleri**. Rio de Janeiro: Transitiva, 2017.

CARVALHO, Solange P. P. **A tradução do socioleto literário: um estudo de Wuthering Heights**. 2006. 218 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Estilísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2006.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

TRUDGILL, Peter. **Dialects**. London: Routledge, 1994.